

# Lar

## Alicerce de amor

Lucy Dias Ramos

# Lar

## Alicerce de amor



# Sumário

- 7 Família e vida
- 9 Apresentação
- 11 Prefácio
- 15 As famílias de antigamente
- 23 Lar, alicerce de amor
- 29 O amor é o caminho
- 33 Laços de família
- 37 A parentela corporal e os laços de família
- 43 Oração e trabalho
- 49 O lar e as influências espirituais
- 55 O idoso na família: conflito de gerações
- 61 As lentes do amor
- 67 Relacionamentos modernos
- 75 Distúrbios de comportamento no lar
- 83 Quando sofremos

- 89 Pacifique sua alma
- 95 Planejamento familiar e abortamento na visão espírita
- 101 Casamento e afetividade: desajustes conjugais e separações
- 109 Sexualidade e maturidade emocional
- 115 Viver e amar
- 121 Sair a semear
- 127 *Bullying* escolar: uma análise espírita
- 135 Depressão e tentativa de suicídio na fase infantil
- 145 Silêncio íntimo
- 151 Um Natal diferente
- 155 O caminho de volta
- 159 Importância do Evangelho no lar
- 167 Nossos filhos e suas escolhas
- 173 Coragem moral
- 179 Crise em família — dependência química e outras drogas
- 191 Modo de sentir
- 195 “Quem quer ser amado, ame”
- 201 A nova geração — crianças do século XXI e seus talentos
- 209 A família e a inclusão social da criança especial
- 217 Não te canses de amar
- 223 Filhos do coração — adoção na visão espírita
- 231 Meu tipo inesquecível
- 239 Referências

# Família e vida

*Família é o ponto de encontro  
Que a vida, em si, nos oferta,  
Para a conta viva e certa  
Do que se tem a fazer.  
Às vezes, indica empresas  
De amor, renúncia e talento;  
De outras, é o pagamento  
De débitos a vencer.*

*No lar, ressurgem afetos,  
Dedicações incontidas,  
Riquezas em luz de outras vidas  
No tempo, a se recompor;  
Mas também, dentro de casa,  
É que o ódio de outras eras  
Abre feridas austeras,  
Reconduzindo ao amor.*

*Vemos pais largando os filhos  
Com desprezo e indiferença,  
E os filhos, em turba imensa,  
Combatendo os próprios pais.  
Parentes contra parentes,*

Lucy Dias Ramos

*Lembrando aversões em brasa,  
Unidos na mesma casa  
Sob direitos iguais.*

*Se sofrimento em família  
É o quadro em que te renovas,  
Tolera farpas e provas,  
Aceitando-as tais quais são!...  
Não fuja!... Suporta e avança!...  
Seja tolerância aonde vás.  
Segurança pede paz,  
E a paz é luz do perdão (XAVIER, 1984, cap. 24).*

# Apresentação

NÃO VAI LONGE meu primeiro contato com Lucy Dias Ramos. Conheci-a quando estive no lançamento de seu livro *Luzes do amanhecer*, na Bienal do Rio de Janeiro, há quatro anos. Fiquei cativada pelo seu sorriso, sua espontaneidade, seu modo tão digno de ser.

Posso dizer que a Doutrina Espírita ensejou nosso encontro, possibilitando-nos a convivência semanal na Casa Espírita de Juiz de Fora, nos grupos de estudo da terceira idade, Manoel Philomeno de Miranda e Joanna de Ângelis, todos coordenados pela fraterna amiga.

Etimologicamente, a palavra *lareira* vem de *lar*, que nos remete a calor, afetividade, reavivando em nós as sensações de aconchego, segurança, acalanto. Esse fogo sagrado deve ser mantido constantemente aceso, e o combustível para a manutenção dessa chama deve ser o amor, que a autora procura ressaltar como “o sentimento mais importante na preservação da família”.

Sinto-me honrada por poder apresentar este novo livro de Lucy. Trata-se de uma obra de conteúdo ameno e esclarecedor, fruto das vivências

Lucy Dias Ramos

e reflexões de uma mulher cristã, esposa e mãe, a nos trazer importantes contribuições para a construção do amor e da harmonia no lar.

Pestalozzi, o grande pedagogo do Instituto de Yverdon, na Suíça, emérito professor de Allan Kardec, sempre defendeu a ideia de que “educar é amar” e “amar é educar”. Uma de suas frases mais notáveis é: “O amor é fundamento eterno da educação”.

Como célula básica do organismo social, o grupamento familiar fornece os fundamentos em que se estrutura a sociedade. Nesse bastão seguro chamado lar, encontra-se o educandário de elevado significado para a formação ético-moral e o desenvolvimento afetivo das criaturas.

Nossa sociedade está carente de valores morais em razão da desestruturação das famílias. O que acontece no mundo é uma projeção do que ocorre dentro dos lares.

Apoiada nos fundamentos da Codificação Espírita e em bibliografia de qualidade, a autora registra as mais variadas situações no relacionamento humano, analisando-as em linguagem poética e plena de lógica, coerência e clareza.

As variadas posições que o Espírito desempenha na vida familiar, tais sejam os de filho, irmão, pai, mãe, sogra, avô e outros, são consideradas sob o prisma da programação reencarnatória e da visão de que o amor deve ser o grande fundamento da educação.

Alma sensível, Lucy imprime nas páginas deste livro os seus mais íntimos e profundos sentimentos que resumam de suas experiências vivenciais e dos valores morais que lhe formam o caráter.

Ao enfocar os problemas do relacionamento humano, equaciona-os adequadamente, apontando a educação dos sentimentos e das emoções como solução e, como fundamento, o amor que Jesus nos ensinou na condição de Mestre insubstituível em nossas vidas.

MARIA DE FÁTIMA TASSI MARTINS

# Prefácio

NAS TAREFAS DESENVOLVIDAS no Movimento Espírita, principalmente na divulgação em artigos de revistas, palestras e outras atividades doutrinárias, procurei dar ênfase ao tema “família” porque compreendi, desde cedo, que, no grupo familiar, teria oportunidade de exercitar o amor, a paciência, o perdão e a tolerância. Somente com esse aprendizado poderia exercer, em outras áreas, a fraternidade e o amor.

Compreendi também que, nesse exercício constante do amor aos que formam a família na presente encarnação, teria a maior tarefa a desempenhar para libertar-me dos atos equivocados do passado, das dívidas e dos compromissos que foram sendo adiados até que eu alcançasse a maturidade necessária para enfrentá-los e, de forma positiva, solucioná-los.

Reconheço ser o lar a escola abençoada onde nossas almas edificam as virtudes mais nobres e se preparam para vivenciar, mais amplamente, em outros núcleos assistenciais e no mundo, o que assimilamos no trato com os problemas enfrentados no relacionamento com o grupo familiar.

Lucy Dias Ramos

Nasci em lar espírita e tive a ventura de receber, desde a infância, a influência benéfica dos que me orientavam por meio das lições edificantes do Evangelho de Jesus e dos ensinamentos lúcidos do Espiritismo.

Na Casa Espírita, tive a oportunidade de desenvolver tarefas que enfocam a família estruturada na exemplificação do que me esforço para ser, amalhando, ao longo do caminho e na vivência doméstica, as experiências e conquistas morais.

Com outros companheiros, criamos alguns setores voltados para esse tema, como o Departamento de Assuntos da Família, o Grupo da Terceira Idade e o Tratamento Espiritual da Criança, que me deram subsídios para um melhor conhecimento dos problemas que afligem o grupo familiar.

Além dessa valiosa experiência que me leva a estudar e me adequar para desenvolver atividades nesses setores, tenho uma família numerosa, com filhos, netos, bisnetos e todos aqueles que foram se agregando com as uniões pelos casamentos e os que compartilhavam o lar acolhedor que procurei manter enquanto os filhos viviam conosco e ainda não haviam partido para o mundo espiritual meu companheiro e minha filha mais velha.

Mesmo após a dor dessas separações, mantive meu coração voltado para os deveres assumidos com meus familiares e às tarefas empenhadas no Movimento Espírita.

Entretanto, não me sinto encorajada a manter certas reuniões familiares e encontros festivos e vou, aos poucos, distanciando-me dos núcleos que vão surgindo com o crescimento de cada novo grupo dos filhos casados. Parece que estou me desapegando ou alargando os laços que nos prendem, mesmo conservando no coração o amor por todos eles. Não sei se esse sentimento é experimentado por todas as pessoas, mas comigo tem sido assim, como se minha alma pressentisse a necessidade de ir preparando a finalização do ciclo biológico, o que é natural nesta grande viagem que é a vida de todos nós.

Outras pessoas reagem de forma diferente, mas senti ser essa posição mais harmoniosa e menos sofrida para o meu coração de mãe.

Tal fato colaborou para que eu pudesse repassar para vocês mais este livro, baseado em experiências no grupo familiar, nos atendimentos realizados na Casa Espírita e nas mudanças que foram se fazendo com os núcleos dos filhos casados, os netos formando outros grupos, alguns fora do Brasil, o nascimento de bisnetos. Tudo isso enriquece minha vida de novas experiências e novos aprendizados.

Desde que me dispus a escrever este livro, foram se formando em minha mente o que eu poderia realizar, ainda, para ajudar os que buscam apoio à luz do Espiritismo para compreender as diversas situações conflitantes que surgem no seio da família.

Com os estudos realizados para reciclar e preparar nova equipe de trabalho no Tratamento Espiritual da Criança (TEC), na Casa Espírita, vários temas foram enfocados e fizeram crescer dentro de mim o desejo de abordar assuntos que atendam os que buscam orientações sobre problemas vivenciais com a criança, o idoso, o adolescente, os parceiros que na modernidade tomam atitudes imprevistas e inovadoras, alguns perturbando a harmonia do lar.

Sem seguir uma ordem de assuntos, fui entremeando algumas mensagens que, acredito, ajudem a todos na reflexão mais demorada em torno da existência e seu sentido real, buscando na espiritualidade e no refinamento dos sentimentos e emoções o equilíbrio saudável para vencer as dificuldades e os conflitos familiares.

Não há nada novo, nem fórmulas mágicas, apenas procuro ressaltar o sentimento mais importante na preservação da família — o amor — sem o qual nada terá solução que mereça a renúncia e a compreensão para o ajustamento de todos neste abençoado reduto: o lar, alicerce de amor a nos preparar para as edificações superiores.

Lucy Dias Ramos

O respeito mútuo, a tolerância, a paciência e todas as necessárias atitudes serão desenvolvidas à luz do amor que edifica e constrói, vencendo sempre a sombra das imperfeições morais que tentam impedir a visão clara e benéfica que advém da vivência fraterna que se solidifica quando todos buscam entender o que é a família cristã.

Desenvolvi alguns assuntos da família nos tempos atuais e algumas propostas que nos ajudarão a vencer certas dificuldades e ações perturbadoras da paz. Apresento alguns capítulos específicos sobre a criança e as implicações de alguns distúrbios psíquicos que dificultam seu desenvolvimento.

Desejo que minha experiência, os casos e as narrativas vividas que procurei descrever, dando um toque de descontração na leitura dos capítulos, o faça compreender, estimado leitor, que somos todos irmãos, filhos de Deus e que a humanidade é nossa família.

É meu desejo ressaltar que é no recinto do lar edificado no amor e na compreensão que aprenderemos a amar e respeitar a todos os que caminham conosco nessa hora de transição com promessas de paz e luz depois de vencidas as lutas redentoras!

Alicerce de amor é o que desejo que você construa na formação de sua família ou na restauração dos vínculos que permanecerão como pilares estruturados na vivência desse sentimento nobre, mantenedor da fortaleza da fé e da confiança em Deus.

LUCY DIAS RAMOS

*Juiz de Fora (MG), 22 de fevereiro de 2013.*

# As famílias de antigamente

DIZEM QUE FAMÍLIA é sempre a mesma coisa. Os mesmos problemas de relacionamento, as mesmas crises, os mesmos conflitos existenciais. Todavia, em muitos grupos familiares, quando a coisa fica mais complicada para alguém ou surge alguma enfermidade grave, todos se unem para ajudar.

Há os que discutem por qualquer problema, os que não gostam de ser contrariados, os que concordam com tudo, depois fazem do seu jeito, e até aquele que se faz de bonzinho e, pelas costas, reclama e ofende sem razão os que são seus parentes.

Mas existem famílias que vivem em harmonia dentro da realidade dos tempos atuais, mesmo enfrentando dissabores e lutando contra as dificuldades da vida. Graças a Deus existem, apesar de raras. Entretanto, são as mais felizes!

Analisando mais profundamente, podemos dizer que existem diferenças sociais, culturais e religiosas. Existem fatores a serem considerados quando analisamos os objetivos de sua formação, desde a mais conservadora do século passado até a mais moderna família do século

Lucy Dias Ramos

XXI, diferenciando-as e demonstrando que, mesmo na diversidade, a família é a grande esperança de renovação da sociedade nesta transição que vivenciamos.

Grandes mudanças ocorreram nas últimas décadas, basta observarmos os costumes, as normas, a educação, os hábitos alimentares, as uniões afetivas e a maneira como os pais lidam com os filhos e vice-versa. Talvez não se tenha alterado o conceito de família com relação a preservar os valores morais nas que ainda seguem regras e tradições, embora muitos considerem ultrapassadas tais normas.

Não é preciso voltar muitos anos no calendário da vida.

Se analisarmos a vida atual de cada um de nós, as mudanças e alterações existentes, verificaremos o quanto estamos distanciados das famílias tradicionais do século passado.

Algumas modificações foram boas no sentido de buscar mais conforto e aproximação por meio dos avanços da tecnologia e dos valores reais da liberdade de expressão que facilitam o intercâmbio. Outras, porém, foram modificadas e adaptadas seguindo o influxo do pensamento moderno, graças à mídia, que influencia desde a criança até o adulto, com inovações no sistema educacional, nas leis sociais e civis que abriram novas portas para que os anseios de liberdade fossem atendidos.

Infelizmente, sem a educação moral, sem os limites que a ética estabelece segundo as diretrizes de cada família ou comunidade, fica muito difícil aceitar tantas inovações que alteram profundamente o respeito e a credibilidade do ser humano em seu intercâmbio com os que participam de sua vida ou sofrem sua influência.

Há uma interdependência entre todos nós que vivemos em sociedade e não podemos nos isolar completamente com o intuito de preservar nossos valores.

Os fatores que nos sustentam no turbilhão de novidades deste século deverão ser preservados e, indiscutivelmente, considero a

família como a base, a estrutura na qual serão assentados os valores morais que nos preservarão da negligência e do desequilíbrio diante das lutas terrenas.

Recordo-me com respeito e carinho de minha família, de meus pais, que sustentaram minhas primeiras investidas na presente encarnação. E, felizmente, houve uma preparação, um cuidado em preservar os valores que tentei repassar ao meu grupo familiar.

Descrever o que vivenciei ou repetir o que meus pais falavam de seus antepassados, das ocorrências familiares e tantas aventuras que eles vivenciaram corajosamente, vencendo todas as dificuldades de comunicação, de recursos médicos e de manutenção básica — coisas que apenas os mais ricos possuíam a contento —, não é o objetivo deste livro. Todavia, foram esses conceitos que me ajudaram a vencer as lutas de cada dia e buscar em seus exemplos a motivação maior para viver com equilíbrio e fé em Deus.

O problema social era quase inexistente porque havia uma fraternidade mais amena entre todos, pelo menos no interior do Brasil, na região onde morávamos, nas Minas Gerais. Quanto à assistência médica, havia o abençoado médico da família, compadre abnegado que, de forma humanitária, atendia a todos, mesmo os que não podiam remunerar seu trabalho com dinheiro, mas o faziam com o que possuíam de melhor em suas casas ou sítios — verduras, frangos, ovos, carnes de porco já preparadas e até mesmo algum animal de estimação.

Os menos favorecidos com essa dádiva da medicina antiga — o médico da família — podiam recorrer aos farmacêuticos, que atendiam e indicavam remédios, chás, pomadas, vermífugos e ouvi muitas vezes meus pais dizerem a um serviçal da casa: “João, vai até a farmácia do Sr. Bernardo e peça a ele um remédio para dor de cabeça”. Outras vezes, já indicavam o nome do medicamento e em poucos minutos o empregado voltava com o que havia sido encomendado.

Lucy Dias Ramos

Completando toda essa facilidade, havia, ainda, a homeopatia e os chás caseiros — abençoados remédios que curavam quase tudo, desde a dor de cabeça até o mal-estar de minha mãe, a enxaqueca da tia, a dor de dente do irmão e a cólica da empregada doméstica. Aliás, não chamávamos de empregados ou serviçais as pessoas que colaboravam no lar. Mencionei esses termos para que compreendessem que me referia aos amigos que cuidavam da casa, do jardim, de todos nós e que chamávamos carinhosamente pelo nome ou algum apelido. Eram todos da família.

Pelo que escrevi até agora, vocês vão compreendendo como as famílias eram simples e a vida, em alguns aspectos, mais confortável! É claro que as enfermidades graves levavam de nosso convívio os entes queridos. Hoje, em sua maioria, são facilmente debeladas. Mas estou apenas enfatizando os valores reais de uma boa convivência familiar, de gente simples e ordeira que trabalhava e nutria a gentileza, a cordialidade e a solidariedade com o grupo social no qual a família estava inserida.

Outras diferenças marcantes existiam nos hábitos alimentares: o café era servido sempre em torno das sete horas, mesmo nas férias escolares. Para quem não levantasse nesse horário, uma bandeja completa era encaminhada ao quarto do dorminhoco para não atrapalhar a rotina da casa. O almoço era servido às 11 h 30 min e, na parte da tarde, havia o café das quinze horas com bolo, biscoitos, pão fresquinho, leite ou suco. O jantar era servido mais tarde, em torno das 18 h 30 min, e se prolongava com as conversas e casos por mais tempo, quando falávamos de nossas atividades daquele dia e meu pai aproveitava para contar alguns episódios com fundamento moral que ficaram gravados para sempre em nossas mentes. Quando ele falava, todos ficávamos quietos escutando suas histórias e narrativas.

Já com mamãe era diferente, falávamos também e podíamos até dar apartes ou discordar. Ela não se importava e ria conosco quando o caso era tomado como brincadeira. Sempre bem humorada e sorrindo, era

diferente de meu pai, que mantinha um semblante sério e enérgico que se desmanchava em sorrisos com um beijo da caçula ou um agrado que lhe fazíamos.

À noitinha, levávamos cadeiras para a calçada em frente à casa onde morávamos em Barra do Piraí, e os vizinhos faziam a mesma coisa. Os mais velhos conversavam numa confraternização saudável e amistosa, enquanto as crianças brincavam de roda, de pular corda ou outras diversões tão simples, mas que nos encantavam em momentos de lazer.

Não havia TV, nem os jogos eletrônicos, nem as facilidades da vida moderna, dos meios de comunicação e entretenimentos, mas éramos felizes e o relacionamento humano era mais duradouro e fecundo.

Ah! Quantas saudades da família à moda antiga... Eram realizadas visitas, comemoravam-se em casa os aniversários e os casamentos que dariam um livro se os descrevêssemos todos.

Um casamento vou relatar resumidamente: foi quando se casou minha irmã mais velha (eu estava com 4 anos), no dia 31 de dezembro de 1939.

A começar pela data, 31 de dezembro, quem se casa hoje nesse dia?! Pouca gente. Mas ela casou e foi uma linda festa!

Chovia torrencialmente, e a dificuldade de transporte fez com que meu pai fretasse um ônibus que levaria os convidados até a capela do colégio onde ela estudara e agora lecionava. Já éramos espíritas, mas a madre era muito amiga de minha irmã e consentiu que ela, sem rituais ou outras formalidades, se casasse na capela do colégio, mesmo não sendo católica.

Nos dias anteriores ao casamento, os parentes começaram a chegar de outras cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Ubá, Guarany, Juiz de Fora, e foram sendo alojados nas casas de outros tios e amigos, porque não caberiam todos em nossa casa. Entretanto, muitos ficaram e eu me recordo das primas e primos que se reuniam conosco para brincar todas as tardes.

Lucy Dias Ramos

A festa (não se falava “recepção”) após o casamento seria em nossa casa, que foi preparada para receber os convidados. Havia um quarto onde ficavam os doces e, na parte mais próxima da porta, ficava instalado um barril de chope com torneirinha. Em outro quarto, havia uma mesa grande com cadeiras e sofás onde seriam servidos os salgados, que não eram os delicados canapés que conhecemos ou salgadinhos, mas carnes variadas, aves, arroz branco e colorido e massas preparadas com requinte e variados molhos.

Hoje, os hábitos são outros e não existe a simplicidade de outrora porque contratamos um *buffet* que organiza tudo, bem diferente do casamento que estou relatando.

Eu adorava minha irmã e fiz questão de ir com ela e meu pai no carro que conduziria a noiva. Lembro-me bem de sua mão afagando meus cabelos e dizendo: “Na volta, você virá de ônibus porque não poderá vir comigo, somente o noivo”. Detestei aquele noivo por uns momentos.

Na volta, corri na chuva atrás do carro dos noivos sem conseguir alcançá-los e somente parei quando mãos vigorosas (de meu pai) pegaram-me e colocaram-me no banco do ônibus. Não considerando esse incidente, foi uma linda festa e todos estavam felizes!

Depois do casamento, os noivos foram para a casa deles na mesma cidade porque não poderiam viajar com tanta chuva. E alguns parentes ficaram uns dias conosco.

Para nós, crianças, a festa estava começando, porque nos reuníamos todas as tardes no tal quarto dos doces (sobraram alguns) e dançávamos, rodando e cantando, comendo aquelas guloseimas e, quando passávamos perto do barril de chope, dávamos uma bebidinha na torneirinha donde escorria um líquido muito amargo e quente.

Quando falo “todas as tardes”, devemos considerar duas ou no máximo três, porque o tempo para nós, crianças, é uma eternidade quando recordado após tantas décadas.

Não demorou muito e todos nós estávamos indispostos, com enjojo, vômito e depois diarreia. Ninguém conseguia entender por que acontecera esse incidente. Até que meu irmão contou o que fazíamos e rapidamente sumiram com o tal barril e esvaziaram o quarto onde tivemos momentos de muita alegria e diversão.

Nunca mais consegui ingerir nada parecido com aquela bebida! Mas continuo gostando muito de doces!